

Georg Lukács e a crítica metodológica à Ciência Sociológica Alemã: Da Escola de Heidelberg à História e Consciência de Classe.

Gláucia Tinoco Barbosa.

Cita:

Gláucia Tinoco Barbosa (2007). *Georg Lukács e a crítica metodológica à Ciência Sociológica Alemã: Da Escola de Heidelberg à História e Consciência de Classe*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/1118>

Georg Lukács e a crítica metodológica à Ciência Sociológica Alemã: Da Escola de Heidelberg à História e Consciência de Classe

Gláucia Tinoco Barbosa¹

Introdução

O presente trabalho tratará da relação estabelecida pelo filósofo e marxista húngaro, Georg Lukács e a sociologia, especialmente sua atitude crítica acerca da metodologia da referida ciência. A intenção é delinear sua mudança de perspectiva da época em que era se torna marxista e abandona a percepção de mundo ancorada em bases sociológicas influenciadas por Weber e por Simmel, sobretudo. Percebe-se que não há uma relação de afastamento absoluto, mas uma *aufhebung* em que a preservação de elementos considerados progressistas herdados em Heidelberg, onde estudou e estabeleceu contato com a sociologia weberiana, entre outras, são mantidas num rico exercício de tratamento metodológico de problemáticas para a apreensão do mundo social em que vivemos.

Na Alemanha Lukács pretendia estudar mais detalhadamente estética e pleitear uma cátedra na universidade de Heidelberg. Adquiriu mais maturidade intelectual e percepção da realidade social ao se aproximar do hegelianismo² e posteriormente do marxismo. Suas concepções filosóficas foram, por esse aspecto, repensadas. É importante salientar que o ambiente intelectual alemão, ao agregar as perspectivas político-sociais da época, viabilizou formas de entendimento da realidade social próximas do romantismo anticapitalista (Cf. Löwy, 1993) e de concepções que se opunham às configurações fragmentadoras efetivadas por correntes sociológicas tais como o positivismo. Havia uma tendência a pensar a síntese como forma de aglutinar várias concepções sem, no entanto, relacioná-las dialeticamente (Cf. Ringer, 2000).

É sabido que no círculo de Heidelberg, liderado por Max Weber, a oposição ao positivismo era ponto importante, do mesmo modo que havia uma assimilação do historicismo, verificado em algumas obras de Lukács, e em *História e Consciência de Classe*.

Nesse contexto, nosso autor dá início a uma produção teórica bastante promissora no campo estético congregando uma visão largamente romântica, messiânica e anticapitalista (Cf. Löwy, 1998) Sua posição respectiva à sociologia era inspirada nas posturas dos sociólogos com quem manteve contato mais próximo; todavia, nada era aceito por ele de

¹ Doutoranda em Sociologia do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista do CNPq.

² É importante assinalar que o contato de Lukács com Hegel se deu também pela convivência com Ernest Bloch, nos anos 1910 na Alemanha (Cf. Bloch apud Löwy, 1998:297).

forma acrítica; pelo contrário, indicou alternativas para modificações da ciência sociológica, o que decididamente lhe assegurou um posicionamento próprio, como demonstrado na passagem atinente à Sociologia da Literatura extraída da *História do Desenvolvimento do Drama Moderno* de 1909³.

“Mal existe uma sociologia da literatura. A razão deste fato reside prioritariamente – no meu entender – na própria sociologia, na sua pretensão em demonstrar que as condições econômicas de uma época são a causa última e mais profunda das suas condições sociais e, por conseqüência, em determinar a causa imediata do fenômeno artístico. Esta vinculação tão direta e demasiado simples torna-se tão visível e notoriamente inadequada que mesmo os resultados mais próximos da verdade, pelo seu conteúdo, são incapazes de produzir um efeito convincente. (...) O defeito maior da crítica sociológica da arte consiste na sua busca e análise dos conteúdos das criações artísticas com o objetivo de estabelecer uma relação direta entre eles e determinadas condições econômicas” (Lukács, 1992:174).

Lukács Marxista: A Mudança para uma Nova Visão de Mundo

Mas é a partir da descoberta do proletariado, das revoluções russa e húngara e de suas leituras mais intensas respectivas a Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lênin e Rosa Luxemburg⁴, seguindo firmemente esta opção, que diferia da assumida nos anos de Heidelberg, quando, indo contra as correntes positivistas, passa a fazer parte do círculo de Weber; contrariando ainda, na época da Primeira Guerra, o irracionalismo e a epistemologia formalista, que o levaram a preferir Hegel, Lukács assume o bolchevismo e dirige como marxista sua primeira crítica às ciências humanas.

Assim, em HCC⁵ Lukács vai operar uma mudança profunda frente a sua antiga visão de mundo verificada até aproximadamente 1918, quando adere à causa revolucionária e estabelece uma forte rejeição com a herança intelectual burguesa.

A busca do húngaro possuía um sentido duplo: por um lado, tentava viabilizar seu desligamento com suas raízes burguesas e, por outro, a partir de um alicerce teórico-metodológico ancorado em bases marxianas, procurava analisar a história, como concebida dentro do sistema do capital, e a necessidade da conscientização do gênero humano para assim tornar possível a mudança radical do *status quo* capitalista. Um salto qualitativo é determinado nas investigações lukacsianas (Cf. Löwy, 1998:206).

³ Esta é segundo Löwy (1998:121), a primeira obra de Lukács em que ele trata do fenômeno da reificação, mesmo que sob a ótica sociológica de Weber e Simmel. Neste livro, não traduzido do húngaro integralmente, a relação com a *Kultur* é explicitada.

⁴ É válido ressaltar que Lukács sempre teve contato com os escritos de Karl Marx e Engels, todavia este se intensifica durante os anos de relação mais direta com Hegel, em 1913, 1914, aproximando-o mais do marxismo.

⁵ Abreviatura de *História e Consciência de Classe*.

No artigo de HCC intitulado “A Consciência de Classe”, a preocupação com essa conscientização é evidenciada. Indubitavelmente, Lukács mantinha um interesse profundo pela forma como dar-se-ia a mudança substancial dos indivíduos em meio à sociedade do capital. Com isso era necessário que a classe do proletariado, a classe a solapar o capitalismo, se resguardasse no campo da prática política e no âmbito teórico-metodológico. Daí a preocupação de Lukács concernente à possibilidade de compreensão da teoria como forma de contribuição para a conscientização dos indivíduos, porém essa teoria não poderia estar desvinculada da prática política.

No primeiro ensaio de *HCC*, intitulado “O que é Marxismo Ortodoxo?”, é expedida a importância da categoria da totalidade, herdada de Hegel e transposta para a teoria social marxista. A totalidade tinha como proposição o caráter integrado dos dados que apenas adquiririam lógica quando referidos ao todo. Mas essa inserção da categoria da totalidade passou pelo crivo de Marx, ou seja, para Lukács utilizar esse recurso metodológico ele procurou, a partir daquele, extrair as abstrações e limitações hegelianas. “Ao pegar na parte progressista do método hegeliano, a dialética como conhecimento da realidade, Marx não apenas se separou dos sucessores de Hegel, como operou uma cisão na própria filosofia hegeliana” (Lukács, 1974:32).

Ademais, delineia-se a concepção lukacsiana atinente ao método dialético e à essencialidade da categoria da totalidade para a captação real deste método, opondo-se à metodologia utilizada pelas ciências da natureza.

“Os fatos “puros” das ciências da natureza surgem, com efeito, assim: um fenômeno da vida é transportado, realmente ou em pensamento, para um contexto que permite estudar as leis a que obedece sem a intervenção perturbadora de outros fenômenos; este processo é ainda reforçado por se reduzirem os fenômenos à sua pura essência quantitativa, à sua expressão em número e em relações de número. Os oportunistas nunca se dão conta que é próprio da essência do capitalismo produzir os fenômenos dessa maneira. (...) Esta tendência da evolução capitalista vai ainda mais longe; o caráter fetichista das formas econômicas, a reificação de todas as relações humanas, a extensão crescente de uma divisão do trabalho que atomiza abstrata e racionalmente o processo de produção sem se preocupar com as possibilidades e capacidades humanas dos produtores imediatos, transforma os fenômenos da sociedade e com eles a sua apreensão. Surgem fatos isolados, conjuntos de fatos isolados, setores particulares com suas leis próprias (...) ao passo que a dialética, que – por oposição a estes fatos e a estes sistemas isolados e isoladores – insiste na unidade concreta do todo e desmascara esta ilusão como ilusão produzida pelo capitalismo, que parece uma simples construção” (id.; 2003b:71,72 e 73).

O autor procura apresentar como a categoria da totalidade foi sumariamente abolida pelo positivismo, este visto por Lukács como propagador do conservadorismo capitalista,

que buscava obscurecer o caráter histórico desta sociedade. O positivismo via a sociedade capitalista como possuidora de categorias intemporais e comuns a outras formas de vida social. Assim, o todo fora eliminado das investigações científicas, reduzindo-se a simples soma de fatos. Pois, se essas categorias existiam em outras sociedades e a capitalista representava um modelo para as demais não havia a necessidade de se estudar a totalidade, mas, apenas essas partes. Para Lukács, ao contrário, a concepção dialética da totalidade é, inexoravelmente, a única capaz de apreender a realidade como um *devir* social. “O método dialético gira sempre à volta do mesmo problema: o conhecimento da totalidade, como realidade social” (Lukács, 1974:49).

Destarte, a referida categoria é a portadora da ciência, do seu princípio revolucionário.

“A categoria da Totalidade, a dominação do todo sobre as partes, que é determinante e se exerce em todos domínios, constituem a essência do método que Marx tomou de Hegel e que transformou de maneira original para dele fazer o fundamento de uma ciência inteiramente nova” (Idem, 1974:41).

Portanto, vê-se que esta categoria é capital para o autor húngaro, não apenas na obra juvenil de 1923, como durante sua trajetória intelectual. Como atesta Carlos Nelson Coutinho⁶: “(...), mas o fato é que Lukács jamais abandonou sua inspiração metodológica – o princípio da totalidade – que inspirou a sua obra de 1923” (1996:16).

Para Lukács, a categoria da totalidade é representativamente o conceito metodológico axial para se apreender a realidade histórico-social de forma radical. Segundo suas assertivas, o que o materialismo pretendia era, a partir da categoria da totalidade, ter uma visão aprofundada da realidade, em suas instâncias inter-relacionadas. A ciência deveria ser analisada a partir da história, esta vista como um processo mutável, não linear e não particularizado: “Para o marxismo, em última análise, não há, portanto, uma ciência jurídica, uma economia política e uma história etc.autônomas, mas somente uma ciência histórico-dialética, única e unitária, do desenvolvimento da sociedade como totalidade” (Lukács, 2003b: 107).

Após delimitar a relevância da categoria da Totalidade para o aparato lukacsiano vê-se o delineamento do que significaria para Lukács e para o seu marxismo uma visão *ortodoxa*. O marxismo ortodoxo teria como acepção a questão metodológica que atuaria como elemento de correção e, sobretudo, de mudança radical, para as visões de mundo limitadas e limitantes, tal como ocorria com o marxismo da Segunda Internacional,

⁶ Carlos Nelson Coutinho juntamente com Leandro Konder, além de terem sido grandes divulgadores da obra lukacsiana no Brasil, mantiveram com ele contato durante dez anos. Parte da correspondência entre os três pode ser encontrada em PINASSI & LESSA, 2002.

agregadora de postulados positivistas, e das ciências humanas cada vez mais especializadas.

Para Lukács (2003b: 64), o marxismo ortodoxo alude, pois, à certeza científica de que o marxismo encontrou de fato uma metodologia, a dialética materialista aplicada à história, coerente com seus princípios revolucionários. Assim, a dialética implica não só a noção voltada para teoria, mas também sua tarefa prática de encontro com a práxis: “(...) trata-se por fim, de desenvolver a essência prática da teoria a partir da teoria e da relação que estabelece com seu objeto” (Idem, 2003b; 65).

Na *Crítica à Economia Política* Marx oferece um panorama de contestação à metodologia empregada pelos economistas clássicos congregando um conjunto de idéias que vai da filosofia aos pilares da economia numa tentativa de enfatizar a viabilidade de sua metodologia revolucionária. Ademais, procura esboçar os pontos positivos dos partidários da concepção dita clássica evidenciando, não obstante, as limitações desta. Para Marx (1996), o concreto, ou seja, a totalidade aparece como ponto nodal em sua perspectiva materialista dialética. Nesta, a relação entre parte e todo não representa uma mera relação de causalidade, mas uma relação dialética em que ambas compõem um momento da totalidade. Para Marx dever-se-ia começar a análise do mais simples ao mais complexo num processo em que do mais complexo voltar-se-ia novamente ao mais simples e assim incessantemente; análise e síntese são nesse caso processos complementares e constituintes, atrelados à totalidade.

“O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação” (Marx, 1996:39).

Na epígrafe do ensaio sobre *Marxismo Ortodoxo*, Lukács evidencia a preocupação que norteia o texto. A citação de Marx retirada das *Teses sobre Feuerbach*, a última tese, aponta para o questionamento do significado que os filósofos se colocavam, a de uma atitude contemplativa, na visão marxiana. O que Marx buscava era justamente o oposto, pretendia uma atitude prática, de ação. Logo, consciência e realidade, devir e ser são instâncias que relacionadas podem viabilizar a união entre a teoria e a práxis e, por conseguinte, de mudanças. “Para o método dialético a transformação da realidade constitui o problema central”. (Lukács, 2003b: 68).

A esse posicionamento, o que interessa é uma postura questionadora acerca da realidade que cerca os homens individualmente e coletivamente. Essa realidade deve ser apreendidas por todos, inclusive os teóricos e os “homens de ciência”.

“Com efeito, o ponto de partida metódico de toda tomada de posição ‘crítica’ consiste justamente na separação entre método e realidade, entre pensamento e ser. Ela vê justamente nessa separação o progresso que lhe deve ser atribuído como um mérito, no sentido de uma ciência de caráter autenticamente grosseiro e acrítico, por oposição ao materialismo grosseiro e acrítico do método marxista” (Idem, 2003b:68-69).

Esta crítica lançada por Lukács fundamenta-se nas tendências, já mencionadas, de uma concepção da realidade embasada numa metodologia e numa prática, estaques, que tendem a limitar a visão concernente a tudo aquilo que cerca os indivíduos, num processo que Lukács atribui ao capitalismo e suas formas de ver a sociedade, científica, política e economicamente quantitativista. O recurso metodológico é assim necessário e certamente validado.

“O caráter enganoso de tal método reside no fato de que o próprio desenvolvimento do capitalismo tende a produzir uma estrutura da sociedade que vai ao encontro dessas opiniões. No entanto, é justamente nesse sentido e por ele que precisamos do método dialético para não sucumbirmos à ilusão social assim produzida e podemos entrever a essência por trás dessa ilusão” (Lukács, 2003b:71).

O aspecto de aparente cientificidade da metodologia mencionada é rechaçado pela visão lukacsiana em que a não imbricação entre as instâncias da vida social é posta ou justaposta perdendo-se a historicidade dos fatos, núcleo básico para um tratamento coerente da realidade social.

É preciso, portanto, desnaturalizar os fatos indicando a historicidade dos mesmos, logo sua transitoriedade. Cabe aí uma distinção entre aparência e essência, já que os fatos nos são colocados mediante uma ótica imediatista, onde se verifica a tendência de crer naquilo que é ensinado, o que se apresenta superficialmente sem análises e questionamentos.

Na fase de HCC a dialética é circunscrita ao domínio da história, concomitantemente a consciência adjudicada do proletariado, próxima da consciência para si é identificada com o sujeito-objeto idêntico capaz de mudar radicalmente a sociedade. Ademais, a partir de sua mudança de perspectiva, Lukács pôde delinear críticas as suas próprias heranças burguesas, reter o que de positivo e de progressivo existiam nelas e lançar questionamentos aos já estabelecidos marxistas da II Internacional, ao modo de proceder

analiticamente deles e que também fora assimilado pelas ciências humanas em geral num processo de compartimentalização do saber. Com tal empreitada, Lukács efetivou uma ruptura com essa forma de lidar com a realidade histórico-social, na tentativa de renovar o marxismo, mediante o uso da categoria da totalidade de tal forma que houvesse a possibilidade de um direcionamento oposto ao da fragmentação empreendida pelo capitalismo, que engendrava a realidade social de maneira estilhaçada. Seu marxismo renovado representa então:

“O instrumento de superação do impasse e das contradições teóricas e práticas da problemática burguesa referente à epistemologia científica. O marxismo é a teoria do método e práxis revolucionária, problemática lógica e exigência ética de transformação revolucionária” (Feo, 1972:171).

1923 - Lukács: Um Crítico da Sociologia

A relação estabelecida por Lukács para com a sociologia desenvolveu-se inicialmente a partir dos seus escritos da fase em que se dedicava aos estudos sobre estética, configurando-se de forma mais acurada no período em que se tornou marxista. Assim, é de interesse do presente trabalho esboçar a crítica fomentada por ele na época de HCC, em sua fase marxista, quando seu posicionamento frente à sociologia ancora-se no questionamento referente à metodologia usada não só pela ciência sociológica, mas, de forma ampla, pelas ciências humanas, que mediante a configuração da sociedade capitalista e de suas formas de reificação estabeleceram a fragmentação do saber, num processo em que as especializações foram postas em relevo. Do mesmo modo, as ciências que se propõem a entender a realidade a partir dos dados imediatos aceitando-os sem uma análise aprofundada caem no ideologismo burguês.

“(…) Aquela ciência que reconhece como fundamento do valor científico a maneira como os fatos são imediatamente dados, e como ponto de partida da conceitualização científica sua forma de objetividade, coloca-se simples e dogmaticamente no terreno da sociedade capitalista, aceitando sem crítica sua essência, sua estrutura de objeto e suas leis como um fundamento imutável da ‘ciência’. Para passar desses ‘fatos’ àqueles no verdadeiro sentido da palavra, é preciso descobrir seu condicionamento histórico como tal e abandonar o ponto de vista a partir do qual eles são dados como imediatos: é preciso submetê-los a um tratamento histórico-dialético. (Já para a ciência burguesa) a história é entregue como tarefa ao pensamento insolúvel. Pois ele deve suprimir completamente o processo histórico e apreender, nas formas de organização do presente, as leis eternas da natureza que, no passado – por razões ‘misteriosas’ e de uma maneira que é incompatível com os princípios da ciência racional na procura de leis - , não se estabeleceram por completo ou de modo algum (sociologia burguesa)”- (2003b:74 e 136-137).

Para se apreender os aspectos mais profundos e múltiplos da realidade, faz-se premente a dialética materialista. Como atesta Lukács (2003b: 75), “para passar desses ‘fatos’ àqueles no verdadeiro sentido da palavra, é preciso descobrir seu condicionamento histórico como tal e abandonar o ponto de vista a partir do qual eles são dados como imediatos: é preciso submetê-los a um tratamento histórico-dialético”. Assim, o não uso da dialética materialista impede a percepção da história como um processo unitário, não particularizado e transitório.

“Essa impossibilidade se manifesta na ciência burguesa, de um lado, pelas construções abstratas e sociológicas da evolução histórica, do tipo Spencer ou August Comte – cujas contradições internas foram trazidas à luz pela moderna ciência burguesa da história e notadamente por Rickert (...)” (Lukács, 2003b: 82).

Esse ponto é bastante importante para a elucidação da relação entre Lukács e as ciências burguesas. Vê-se que, ao remeter-se a Rickert, o húngaro mostra a relevância do pensamento daquele para o entendimento de uma perspectiva absolutamente limitada como a de Comte e a de Spencer. Logo, percebe-se que dentro da própria ciência burguesa - que estabelece com o materialismo dialético aplicado à história uma posição distinta acerca do *modus operandi* utilizado para se compreender a realidade – há diferenças muito significativas.

Lukács procura justamente reter as posições positivas, não estanques de alguns intelectuais burgueses, partindo para uma crítica dos mesmos com intenção de mostrar que apesar desses intelectuais terem agregado concepções burguesas suas visões de mundo vão além da de determinados autores burgueses.

A ênfase feita ao longo de HCC sobre a questão da especialização do trabalho é substancial para a apreensão da crítica feita por Lukács às Ciências Humanas e a Sociologia. Mediante essas especializações, a ciência se subdividiu rompendo com a totalidade e com a possibilidade de sua captação, vista por Lukács como indispensável para apreensão da realidade. A sociologia, por pretender ser uma forma de conhecimento autônoma, logo compartimentada, se opõe à concepção da metodologia materialista dialética, como usada pela perspectiva lukacsiana, sendo, portanto, incapaz de elaborar uma síntese que pudesse apreender a sociedade como totalidade.

Lukács enfatiza a tentativa feita por alguns intelectuais burgueses como Hegel, Ricardo, Weber, Simmel, Tönnies que tentaram apreender a realidade social mais aprofundadamente, contudo, por seus rasgos burgueses, não foram mais além. Ademais, algumas das assertivas desses intelectuais estavam ancoradas em orientações relacionadas

a concepções próximas às ciências e formas de conhecimento que visam transpor para as humanidades elementos analíticos advindo das ciências naturais e exatas como forma de entender a sociedade em termos funcionais. Numa nota de rodapé, Lukács expõe a sua perspectiva acerca de um livro de Tönnies realçando o que foi dito anteriormente.

“As constatações deste livro, às quais ainda voltaremos, são preciosas para nós, porque foram obtidas a partir de um ponto de vista totalmente diferente e, no entanto, descrevem a mesma marcha de desenvolvimento, a influência do racionalismo da matemática e das ciências ‘exatas’ sobre a origem do pensamento moderno” (2003b: 242).

As limitações do pensamento burguês penetram no modo de concepção destas análises tornando as ciências humanas estanques e não unitárias, logo não voltadas para a totalidade. A concepção de ciência moderna é a concepção de uma ciência fragmentada que apresenta a história de modo naturalizado, a filosofia vê-se, por vezes, arraigada por formas irracionistas, o racionalismo formal, que busca leis eternas propondo-se unitário, se coloca partido, ademais, a ciência se subdivide em várias áreas de saber, como a história, o direito, a economia, a política etc.

A crítica de Lukács incide justamente sobre as categorias analíticas usadas para a apreensão das configurações sociais em que, para ele, a maneira de compreendê-las reside no método dialético materialista aplicado à história.

Por outro aspecto cabe explicitar aqui o que se entende por crítica e a forma como este entendimento entra em consonância com a perspectiva lukacsiana adotada no período correspondente a HCC. Seguindo o caminho trilhado por Marx, Lukács procurou, no livro de 1923, repensar as influências dos teóricos das humanidades fazendo um balanço de suas contribuições para a formação do pensamento ocidental moderno e a maneira como a produção de conhecimento na referida sociedade fora delineada. A intenção de Lukács era a de reter os avanços das concepções desses intelectuais, partindo da dialética e aqui do conceito da *Aufhebung*, extraído de forma implícita a partir de suas considerações. Passando pela economia pela filosofia, pelo direito, pelo jornalismo e usando alguns sociólogos, a preservação de elementos advindos dessas formas de conhecimento fica patente, pois, a ênfase dada por Lukács é justamente mostrar o ponto em que os teóricos dessas áreas de pensamento (fragmentadas, pois, inseridas na nova configuração de ciência moderna) haviam avançado.

Desse modo, o entendimento da crítica lukacsiana é vista aqui não como uma forma de oposição em que todos os elementos são percebidos como desprezíveis não relevantes para a configuração de uma maneira de pensar radicalmente diferente. A partir da *Aufhebung*

vê-se que a crítica, como configurada em HCC por Lukács, é representativa no que tange aos momentos de negação das concepções limitantes burguesas, como o racionalismo formal, a busca por leis e sua influência nas ciências humanas formalistas, o irracionalismo, a história que se delineia baseada em leis eternas e que naturalizam as configurações sociais e as ciências de forma geral que se fragmentam e subdividem-se em áreas de saber, como a sociologia. Ao mesmo tempo, a perspectiva lukacsiana preserva alguns desses elementos, que são as partes progressivas do pensamento da burguesia, a exemplo de Hegel, Rickert, Simmel, Weber, os dois últimos ele teve bastante contato quando estudou em Heidelberg. E supera-os na medida em que sua visão de mundo vê-se revolucionária e radical, em termos etimológicos. Essa superação é a assimilação das idéias marxianas, da dialética materialista aplicada à história em que se viabiliza a configuração de uma nova práxis social, ou seja, o coroamento entre teoria e prática.

Ao tratar da questão da história vista na sociedade burguesa, Lukács (2003b: 314) faz menção à maneira como Rickert considerou a história e os sistemas formais e exemplifica sua admiração pelos avanços de uma forma de conhecimento burguesa:

“Como não podia escapar aos historiadores realmente importantes do século XIX, dentre eles Riegl, Dilthey e Dvorjak -, a essência da história reside justamente na modificação dessas formas estruturais, por intermédio das quais, num determinado momento, ocorre o conflito do homem com seu meio (...) Aqui importa apenas constatar que, no que diz respeito ao método, é impossível usá-los para superar a simples facticidade dos fatos históricos (o esforço crítico de Rickert e a teoria modera da história visavam a essa questão e eles também conseguiram prová-la)”.

Quanto a Weber, Lukács aponta para a relação entre o método usado para se compreender a realidade histórica, vista a partir de uma forma ingênua de “sociologia” como pensada por Comte e Spencer na sua busca por leis gerais, em oposição à postura weberiana quanto a essa possibilidade de conhecimento. Mesmo mostrando a postura mais lúcida de Weber, este não se livra de uma posição limitada, pois não consegue superar a questão do imediatismo histórico.

“(…) Essa impossibilidade metódica pode ser criticamente consciente desde o início (como em Weber), de modo que viabilize uma ciência auxiliar da História. Seja como for, o resultado será sempre o mesmo: o problema da facticidade é remetido para a história, e o imediatismo da atitude puramente histórica não é superado, quer esse resultado tenha sido desejado ou não” (Idem, 2003b: 318).

Assim, a relação posta com a sociologia, especialmente a sociologia weberiana, reside na questão metodológica. Esta forma de conhecimento é percebida por Lukács como uma

forma limitada de análise da realidade histórico social, pois, além de cair várias vezes no imediatismo, pretende-se uma ciência autônoma e, portanto, em relação de distanciamento frente às outras formas de conhecimento.

O uso de livros de Weber, sobretudo da *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, indica a importância vista por Lukács a respeito de seus trabalhos. Isso fica patente ao longo de HCC em que várias são as alusões feitas ao sociólogo alemão de tal maneira que a utilização do pensamento de Weber auxiliou Lukács em algumas passagens referentes ao delineamento do capitalismo moderno, na questão do racionalismo da sociedade ocidental e na relação entre consciência de classe e possibilidade objetiva. Não obstante, em algumas citações, os limites do pensamento weberiano é evidenciada, como já assinalado.

Partindo das assertivas de José Paulo Netto, a relação entre Lukács e a Sociologia, e em especial a sociologia weberiana, é posta em termos de uma oposição excludente, o que não coincide com a análise feita no presente trabalho. Para Netto (1978, 1992), em HCC, Lukács dirige uma crítica a Weber baseado nos aspectos metodológicos, proposição também aceita aqui. Contudo, Netto vai afirmar de forma explícita que, no ensaio *O que é Marxismo Ortodoxo?*, o húngaro arrola uma crítica direta a Weber, constituindo uma relação crítica de forma absolutamente excludente, no que tange ao uso de elementos weberianos.

“O leitor de História e Consciência de Classe nota, sem dificuldade, que a polêmica contra Weber é conduzida ao longo, de quase todos os ensaios do livro, na medida mesma em que certas tematizações weberianas são retomadas por Lukács. No entanto, é no ensaio, ‘O que é Marxismo ortodoxo?’, que Lukács leva a cabo a crítica à obra de Weber; aí as aporias lukacsianas dirigem-se quer ao formalismo neokantiano de Weber, quer à sua perspectiva heurística, que é incompatível com a apreensão da sociedade enquanto totalidade dinâmica” (Netto, 1992:41).

Vê-se que a crítica dirigida por Lukács estava voltada para as formas de conhecimento que concebem a realidade de forma fragmentada e naturalizada, no caso a crítica abarcaria indubitavelmente a sociologia, mas especialmente a corrente positivista.

Já para Michael Löwy (1990), o tratamento crítico relativo a Weber não foi desenvolvido por Lukács em HCC devido à impossibilidade deste de colocar o ponto de vista de classe do “seu mestre de Heidelberg” em análise. Para Löwy (1990:79)

“Este silêncio resulta, a nosso ver, do modelo dicotômico utilizado por Lukács, que tende a considerar a burguesia e o proletariado como as únicas classes capazes de desenvolver um ponto de vista globalizante sobre a realidade social, modelo no interior do qual a ciência de Max Weber, com suas estranhas convergências com o marxismo, é rigorosamente ‘inclassificável’”.

A proposição que mais se aproxima da forma como essa relação entre Weber e Lukács encontra-se nas idéias postas por Marcos Nobre (2001). Ao analisar o trabalho de Merleau-Ponty (2002), especialmente o aspecto colocado acerca da relação aludida, Nobre infere que “mesmo quando enfrenta graves questões introduzidas no debate pela teoria weberiana, segue (HCC) sendo uma tentativa marxista de respondê-las, sem que um elemento consiga suplantar o outro. Em Merleau-Ponty, ao contrário, a balança pende francamente para o lado de Weber” (Nobre, 2001:15).

Não obstante, mesmo com a perspectiva de procurar explicitar que o trabalho de Lukács foi constituído de forma balanceada acerca de sua relação entre o weberianismo e o marxismo, em alguns momentos Nobre parece desconsiderar suas próprias assertivas: “A proximidade com o léxico weberiano é espantosa. Pois falar em ‘semelhança’, ‘analogia estrutural’ (Cf. GKb, 191) ou ‘afinidade’ significa – segundo me parece – ceder mais do que é permitido a um seguidor de Marx” (Nobre, 2001:56). Aqui isso é entendido dentro do quadro da *Aufhebung*, justamente nas considerações concernentes à preservação de elementos weberianos considerados importantes para Lukács. Ademais, o uso de uma terminologia hegeliana é patente tanto nos textos lukacsianos quanto nos textos marxianos. É certo que Hegel foi inserido no quadro conceitual de Marx como uma das fontes constituintes do marxismo por conter elementos substanciais para as análises da realidade social, e a perspectiva lukacsiana segue um caminho parecido. Como já aludido, no primeiro ensaio de HCC, “O que é Marxismo Ortodoxo?”, a questão da metodologia marxiana é vista como a única fonte realmente relevante:

“Um ‘marxista ortodoxo’ sério poderia reconhecer incondicionalmente todos esses novos resultados, rejeitar todas as teses particulares de Marx, sem, no entanto ser obrigado, por um único instante, a renunciar à sua ortodoxia marxista. O marxismo ortodoxo não significa, portanto, um reconhecimento sem crítica dos resultados da investigação de Marx, não significa uma ‘fé’ numa ou noutra tese, nem a exegese de um livro ‘sagrado’. Em matéria de marxismo, a ortodoxia se refere antes e exclusivamente ao método” (Lukács, 2003b: 64).

O uso de alguns estudos weberianos e de algumas de suas concepções não foram efetivadas de forma acrítica; além disso, essa utilização não interfere na parte substancial do materialismo dialético que é a categoria da totalidade, aspecto este entendido como inegavelmente mantido por Lukács.

Os momentos de preservação quanto a algumas formulações de Weber permanecem em HCC, embora seu pensamento seja percebido por Lukács como limitado. “Max Weber

não chega a conseguir captar este significado fundamental (práxis revolucionária), genético e estrutural da metodologia histórico-social, devido ao seu relativismo” (Feo, 1972:171). Ele, assim como alguns teóricos alemães, e guardadas as devidas proporções, a exemplo de Hegel, Rickert, Dilthey, constituíram um pensamento crítico e criativo frente a diversas formas de concepção burguesa da realidade, como o positivismo. Não obstante, a superação da perspectiva lukacsiana ocorre também em HCC, quando, de forma dialética, subtraindo os momentos em que não cai no idealismo, agrega concepções marxianas e usa para apreender a realidade o materialismo dialético aplicado à história, ancorado na categoria da totalidade, por si só revolucionária. Assim, o entendimento de Lukács por meio do próprio Lukács, ou seja, da metodologia fornecida por ele, baseia-se na *Aufhebung* em que os momentos de negação, preservação e superação são evidenciados.

Limites e Avanços da Ciência Social Lukacsiana: A sociedade Contemporânea Pensada Sociologicamente

A partir do que foi analisado e inferido, de forma breve, ao longo do presente trabalho, pensar a questão dos avanços da perspectiva lukacsiana tomando por base o período correspondente à redação de *História e Consciência de Classe*, de 1923 é uma tarefa densa. Inicialmente porquê a crítica que Lukács dirigiu às ciências humanas e à sociologia, vistas como formas burguesas de compreensão da realidade histórico-social, configura-se atualmente como algo já em desuso na academia. Esse desuso é creditado por mim à posição que o marxismo detêm na referida instituição que, apesar de enfatizar as contribuições propiciadas pelo marxismo de forma geral, finda a contestar, a partir de outras formas de concepção da realidade, as assertivas referentes às questões esboçadas por Lukács, autor que é objeto (não objetificado) do presente trabalho. Assim, questões como a percepção do funcionamento da história, do proletariado visto pelo húngaro como um sujeito que retinha os paradoxos do capitalismo e que, por isso, agregava a possibilidade de modificação, são deixadas de lado, na atual pauta de problemas em voga na academia, que se abstém de analisar também as contribuições teórico-metodológicas do nosso autor.

Não obstante, esses temas que deram origem a teorias, a exemplo da teoria da Consciência de Classe, trabalhados por Lukács, sobretudo em HCC, não corresponderiam a ponto de avanço, mas a um ponto a ser discutido e com certa razão a ser posto em segundo plano. O que realmente importa acerca das contribuições lukacsianas para a sociologia e para as ciências humanas e que necessita ser preservado é a questão metodológica tão enfatizada por Lukács ao longo de HCC.

Um aspecto positivo que deve ser preservado e repensado hoje ‘desconhecido’ pela sociologia especialmente é a metodologia ancorada na totalidade. Nessa, a mudança da realidade histórico-social se faz presente requerendo uma perspectiva que reflita a história como um processo transitório e mutável, e, sobretudo, como algo que precisa ser apreendido unitariamente, percebendo-se as várias instâncias que compõem o todo social.

Em relação ao ponto de avanço para se pensar sociologicamente a realidade histórico-social pode-se dizer que ele é capaz ser dado por nós mesmos na medida que repensamos essa metodologia e aplicamó-la nas análises da referida realidade. Ao apreender as assertivas de Lukács e usá-las para entendê-lo num processo que se pretende dialético se vê que a *Aufhebung* explicita bem a proposição acima. Inicialmente, percebendo-se os pontos em que Lukács pode ser negado, preservado e superado, sendo essa superação referente aos temas postos por ele em relevo. Já a preservação se liga ao uso do método dialético usado por ele e no privilégio que a totalidade possui. A superação seria, como aludido, as contribuições que podemos estabelecer mediante a retomada da metodologia lukacsiana nas análises de aspectos de uma realidade social distinta da vivenciada pelo húngaro. Todavia, o simples fato da retomada de sua metodologia ou mesmo do fato de repensa-lá, trazendo-a para o debate sociológico é representativamente um passo introdutório para o avanço nas análises das ciências sociais.

Assim, a metodologia lukacsiana ao viabilizar a percepção da sociologia como ciência fragmentada, por pretender-se autônoma, viabiliza também, mediante a apreensão e aplicação dessa mesma metodologia, o fornecimento da chave epistemológica para se pensar a sociologia não mais como uma ciência autônoma, mas ancorada na categoria da totalidade. Configurada dessa maneira, a sociologia pode ser uma forma de conhecimento que percebe as múltiplas instâncias da realidade e a mutabilidade das mesmas, não incorrendo no simples imediatismo e possibilitando a si mesma o autoconhecimento. A partir das assertivas lukacsianas a questão que importa para a efetivação dessa mudança, a qual pretendeu-se efetivar ao longo do presente trabalho, é a retomada de sua metodologia para uma análise mais abrangente da realidade. Parafraseando Lukács ao se referir a Marx, o que fica de Lukács é, sobretudo, o método.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, R. & REGO, Valquíria (1996). *Lukács: Um Galileu no Século XX*. São Paulo Boitempo Editorial.
- COHN, Gabriel (org.) (1991). *Max Weber: Sociologia*. São Paulo, Editora Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- _____ (2003). *Crítica e Resignação: Fundamentos da Sociologia de Max*

- Weber, São Paulo, Martins Fontes.
- FEO, Nicola de (1972). *Weber y Lukács*. Barcelona, A. Redondo Editor.
- LÖWY, Michael (1990). *Romantismo e Messianismo: Ensaio sobre Lukács e Walter Benjamin*. Tradução de Myrian Veras Baptista e Magdalena Pizante Baptista. São Paulo, Perspectiva & Editora da Universidade de São Paulo.
- _____ (1993). *Romantismo e Política*. Tradução de Heloísa Helena A. Mello e Agostinho Ferreira Martins. Rio de Janeiro. Paz e Terra.
- _____ (1995) “Figuras do Marxismo Weberiano” Tradução de Edmundo Lima de Arruda, Paris: PUF, pp.83-94.
- _____ (1998). *A Evolução Política de Lukács: 1909-1929*. Tradução de Heloísa Helena A. Mello, Agostinho Ferreira Martins. Anexos traduzidos por Gildo Marçal Brandão. São Paulo, Cortez Editora.
- LUKÁCS, Georg (1974). *História e Consciência de Classe*. Tradução de Telma Costa. Lisboa, Publicações Escorpião.
- _____ (2003a). *A Teoria do Romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo Rio de Janeiro, Editora Duas Cidades & Editora 34.
- _____ (2003b). *História e Consciência de Classe: Estudos Sobre Dialética Marxista*. Tradução de Rodnei Nascimento, São Paulo, Martins Fontes.
- MARX, K. (1996). *Para a Crítica da Economia Política*. Tradução de Edgard Malagodi São Paulo, Editora Abril. Os Pensadores.
- _____ & ENGELS (2002). *A Ideologia Alemã*. Tradução de Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo, Martins Fontes.
- MERLEAU-PONTY, M. (2002). *Les Aventures de la Dialectique*. Paris: Gallimard.
- NETTO, José Paulo (1976). “Lukács e a Sociologia”, *Contexto*, 1: 61-89..
- PINASSI, Maria Orlanda & LESSA, Sérgio (orgs.) (2002). *Lukács e a Atualidade do Marxismo*. São Paulo, Boitempo.
- _____ (org) (1992). *Lukács: Sociologia*, São Paulo, Ática.
- RINGER, Fritz (2000). *O Declínio dos Mandarins Alemães: A Comunidade Acadêmica Alemã, 1890 – 1933*. Tradução Dinah de Abreu Azevedo, São Paulo, EDUSP.
- NOBRE, Marcos (2001). *Lukács e os Limites da Reificação*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- WEBER, Max (1978). “A Política como Vocação” in *Ensaio de Sociologia*, São Paulo.
- _____ (1992). *A Metodologia nas Ciências Sociais*, São Paulo, Cortez.
- _____ (2000). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 15ª ed. São Paulo, Editora Pioneira.
- _____ (2004). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo, Companhia das Letras.